



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

A dança olímpica

Quem curte esporte, de qualquer tipo, consegue facilmente embarcar no espírito olímpico. Não dá para ter coração fraco. Cada ponto, cada gol, cada manobra dos atletas brasileiros são teste para o órgão que nos sustenta. A parte boa, além da subida ao pódio, é que não há divisão entre torcidas, somos um só: time Brasil.

A rivalidade fica apenas com o confronto entre as outras nações nas competições. As torcidas nos lares podem se aliar e mandar as vibrações direto para o velho continente, mostrando a potência gestada nesta terra tropical.

Enquanto os atletas dedicam anos de trabalho intenso para chegar em sua melhor forma e cumprir mais um ciclo olímpico, nós temos o privilégio de acompanhar o resultado em dias intensos e cheios de competições. Por vezes, é difícil escolher em qual esporte sintonizar o sinal.

A controversa abertura dos Jogos Olímpicos de Paris não agradou a todos.

Confesso que também achei algumas partes um tanto distantes da cerimônia impecável que esperava assistir, mas, mesmo assim, foi impossível não sentir a emoção em momentos emblemáticos.

Foi a primeira Olimpíada com público após a devastadora pandemia de covid-19 e, por esse motivo e pelo fato de retornar à capital francesa, carregou um peso simbólico inquestionável. Era visível a tentativa da organização de fazer a festa refletir o que os jogos sempre representaram, a união entre os povos. A homenagem a grandes medalhistas e esportistas comove

e o exemplo de superação de Céline Dion, cantando no alto da Torre Eiffel, para uma Paris em êxtase, música de Edith Piaf, foi igualmente tocante.

Há algo no espírito olímpico que faz superar limites. Guilherme Costa, o Cachorrão, bateu o recorde das Américas nos 400m livre na natação. A marca garantiria a medalha de ouro em Tóquio, mas não foi suficiente sequer para levá-lo ao pódio em Paris. Os atletas disputaram no topo de suas capacidades e habilidades.

Outro espetáculo à parte foi a ginástica artística. As brasileiras levaram

o público que lotou a arena francesa à loucura ao som de samba, pagode, funk, cancan e pop. Muitos aplausos e vibração por lá e aqui, do outro lado do oceano. As meninas de ouro do Brasil nos deixaram sem fôlego com coreografias impecáveis. A fadinha, Rayssa Leal, também nos orgulhou e subiu ao pódio mais uma vez.

Para quem não entrou no clima olímpico, recomendo ao menos uma espiada nos esportes em que temos chance de medalha. Sempre é possível se surpreender com a nossa própria capacidade de torcer sem fronteiras.

FEIRAS / Nesses espaços ricos em diversidade, que empregam cerca de 86 mil pessoas de forma direta e indireta, o brasiliense encontra de vestuário a hortifrútis frescos, além de opções de produtos que remetem a várias regiões do país

Tradição e cultura entre gerações

» MARIANA SARAIVA

As feiras espalhadas pela cidade oferecem cultura, comidas típicas regionais, vestuário e hortifrúti frescos para os moradores, além de desempenharem um papel crucial na economia do Distrito Federal. Muitas pessoas mantêm viva a tradição de frequentar as feiras, um hábito que é passado de geração para geração. De acordo com o Sindicato dos Feirantes (SindiFeira-DF), Brasília e suas regiões administrativas contam com 104 feiras, regulamentadas e livres, que empregam cerca de 800 feirantes e mais de 86 mil pessoas de forma direta e indireta.

A reportagem do **Correio** visitou algumas feiras da cidade e encontrou tanto pessoas que construíram suas histórias nesses espaços quanto aquelas que não abrem mão de ir semanalmente para garantir produtos frescos.

A Feira Permanente do Núcleo Bandeirante é a primeira do DF e uma das mais tradicionais da capital. Jandira de Lourdes Andrade, 76, que trabalha no local há cinco décadas, seguiu os passos da mãe, também feirante, e orgulha-se de ter criado os quatro filhos com o dinheiro ganho na feira. “Comecei a trabalhar com minha mãe em 1967. Depois, já casada e com filhos, minha mãe comprou um box para mim e comecei a trabalhar sozinha. Criei meus filhos e tenho orgulho de dizer que tudo que conquistei para mim e minha família foi aqui. Meus filhos e netos cresceram dentro dessa feira e, enquanto eu puder, estarei aqui”, relata emocionada.

Na feira de Ceilândia, Miriam Moura, 38, começou a trabalhar aos 12 anos, aos fins de semana, e acabou desenvolvendo um gosto pela venda. Atualmente ela é proprietária de uma peixaria. “Trabalho com peixes há 10 anos e me identifiquei com a área. Os clientes gostam, porque entregamos o peixe limpinho e cortado”, afirma.

Clientes fiéis

Anita Mascarenhas, 68, estava com a neta Elis Maria Lopes, 9 anos, na feira do Cruzeiro. “Sempre compro frutas, legumes, queijo, presunto, manteiga fresca e carne. Comecei a frequentar a feira porque era perto de casa e acabei gostando

Fotos: Minervino Júnior/CB



Dona de peixaria na feira de Ceilândia, Miriam Moura, 38, começou a trabalhar aos 12



Queijo e curau garantidos por Jandira Alcântara, 83, na feira do Núcleo Bandeirante

muito. Mesmo se eu me mudar, vou continuar vindo aqui porque descobri coisas boas”, relata.

Na feira de Ceilândia, com sacolas abarrotadas de legumes, a frequentadora assídua Giselda Ferreira, 66, que vai à feira desde 1978, revela que, se não for, sente que a semana não vai dar certo. “Compro de tudo por aqui, desde verduras e queijo até marmittas ou uma fava gostosa. Os produtos são frescos, e aqui tem de tudo, não preciso sair de Ceilândia para nada. Adquiro os produtos aqui e meus filhos e netos passam em casa para comer”, conta, satisfeita.

Jacinta Alcântara, 82, garante o queijo e o curau de milho para o lanche da tarde e faz questão de ir à feira do Núcleo Bandeirante pelo menos duas vezes por semana. “Mudei-me para esta região há três anos e gasto apenas oito minutos para chegar aqui. Vendo toda semana porque as verduras são frescas e os produtos de milho são de qualidade, além da variedade de opções”, detalha.

Licitação

A Subsecretaria de Cidades, da Secretaria de Governo, que cuida da licitação dos boxes vazios em Brasília, explica que as feiras são mais do que espaços comerciais; são também pontos de lazer e cultura para a população. Desde 2019, o Governo do



Assídua desde 1978, Giselda Ferreira, 66, alimenta filhos e netos com produtos frescos em Ceilândia

Distrito Federal tem trabalhado para fortalecer a atividade dos feirantes por meio de reformas, atualização da legislação e regularização do setor.

A secretaria colabora com as administrações regionais e associações de feirantes para identificar e licitar os boxes vazios. Essa

ação visa revitalizar o movimento das feiras e estimular a economia, pois a operação plena dos boxes contribui para a economia distrital.

O economista e professor de finanças do Ibme William Baghdassarian acredita que as feiras livres e permanentes contribuem

positivamente para a economia das cidades. “Os produtos agrícolas são fornecidos por alguém e o feirante atua como intermediário entre o produtor e o cliente, tornando-os mais baratos. Isso é ótimo para quem busca preços acessíveis com valor e qualidade”, afirma.

Sobre as feiras permanentes, William destaca que, além de oferecerem produtos mais baratos, são uma excelente oportunidade para quem quer empreender com poucos recursos, pois o custo de um box é menor do que o de um ponto comercial.

Mix cultural

O vice-presidente do SindiFeira-DF, Orlando Passos, ressalta que as feiras oferecem um mix cultural e culinário de diferentes estados. “Há comidas típicas e um polo de várias tradições em um só local, com muita diversidade. No site do sindicato (SindiFeira-DF), as pessoas podem visualizar o mapa das feiras do DF, com localização e horário de funcionamento”, destaca.

Jonata Araújo, presidente da Feira Central de Ceilândia, afirma que as feiras significam uma fonte de economia, cultura e tradição para cada região administrativa. “Na feira de Ceilândia, temos cerca de 463 feirantes que geram aproximadamente 800 empregos diretos. É um pedaço do Nordeste pulsando em Brasília, oferecendo rapadura, arroz, farinha, galinha caipira e feijão de corda. Além disso, é um ponto de encontro, onde as pessoas reveem amigos e vivem o comércio familiar. A tradição de feirante é passada de geração para geração”, conta.

VOLTA ÀS AULAS

Segurança para a comunidade escolar

» ARTHUR DE SOUZA

Para a volta às aulas dos mais de 465 mil estudantes e mais de 62 mil profissionais da educação da rede pública de ensino do Distrito Federal, que ocorre hoje, o Batalhão de Policiamento Escolar (BPESc), da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), e o Departamento de Trânsito (Detran-DF)

estarão nas imediações das escolas. O objetivo das operações é dar fluidez e segurança ao trânsito de veículos e pedestres.

Cinco escolas foram escolhidas como pontos de concentração das atividades do Batalhão de Policiamento Escolar ao longo da semana: CED 07 de Ceilândia; CED 01 do Itapoá; CEF São José (São Sebastião); CEF Drª Zilda Arns (Pa-

ranoá); e CEF 01 do Paranoá.

Até sexta-feira, a cada dia, o policiamento será intensificado em uma região, onde serão feitas abordagens educativas sobre segurança pública, segurança escolar e trânsito, com distribuição de panfletos e apresentações. A comandante do BPESc, tenente-coronel Renata Cardoso, explicou que se trata de uma ação institu-

cional planejada e articulada para manutenção da ordem pública e preservação da segurança nas escolas.

Fiscalização

Ao **Correio**, a secretária de Educação do DF, Hélivia Paranaçuá, disse que o maior desafio do órgão, no retorno do recesso, é

“promover o acolhimento, a motivação e o engajamento dos novos professores que tomaram posse recentemente na SEE-DF, bem como dos que já se encontravam na escola como temporário, sempre com foco no estudante e nas suas aprendizagens”.

A reportagem apurou que a secretária estará na Escola Classe 308 Sul, hoje, às 7h, para acompanhar a volta às aulas na unidade pública de ensino.

As equipes de policiamento do Detran-DF retomarão as ope-

rações Escola Segura, Transporte Seguro e Blitz Escolar, de forma semanal, com cronogramas que atendam todo o DF. A primeira ação tem como foco a segurança viária, a fluidez do trânsito e a travessia dos estudantes nas faixas de pedestres. Para isso, os agentes de trânsito estarão posicionados nas imediações das escolas.

Hélivia também destacou, à reportagem, que algumas escolas, em regiões diversas do DF, serão entregues durante o segundo semestre letivo.